



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

O jornal *Imprensa Evangélica* e a formação do leitor protestante brasileiro no século XIX

The *Imprensa Evangélica* newspaper
and the formation of Brazilian protestant reader in nineteenth century

João Leonel*

Doutor em Teoria e História Literária (UNICAMP)
Professor no Seminário Presbiteriano do Sul, Campinas, SP

Resumo

Este artigo tem como corpus o primeiro jornal protestante editado no Brasil – *Imprensa Evangélica* – publicado quinzenalmente, de 1864 a 1892, no Rio de Janeiro por missionários pertencentes à Igreja Presbiteriana dos EUA juntamente com os primeiros adeptos brasileiros do movimento. O objetivo é detectar, a partir da análise de textos selecionados, estratégias de formação de leitores protestantes em contexto nacional. Para tanto, investiga gêneros literários presentes no periódico, seus conteúdos e os interdiscursos ligados tanto ao protestantismo norte-americano como ao catolicismo brasileiro. A relevância do estudo deve-se ao fato do jornal ser a primeira publicação protestante produzida no Brasil a circular por todo o território nacional. Os referenciais teóricos utilizados são a História do Livro e da Leitura, Literatura Comparada e História do Protestantismo brasileiro.

Palavras-chave

Jornal *Imprensa Evangélica*. Gêneros literários. Estratégias. Formação do leitor protestante.

Abstract

This article has as corpus the first Protestant newspaper published in Brazil – *Imprensa Evangélica* - published fortnightly, from 1864 to 1892, in Rio de Janeiro by missionaries of the Presbyterian Church USA along with the first Brazilian followers of the movement. The goal is to detect, from the analysis of selected texts, the formation strategies of Protestant readers in national context. To do so, it investigates literary genres present in the newspaper, its contents and interdiscourses connected to both the North American Protestantism as the Brazilian Catholicism. The relevance of the study is due to the fact the newspaper be the first Protestant publication produced in Brazil to circulate throughout the national territory. The

* João Leonel. Doutor em Teoria e História Literária pela Unicamp. Pós-doutor em História da Leitura pela Universidade Nova de Lisboa, Portugal. Professor no Seminário Presbiteriano do Sul, Campinas, SP, na graduação e pós-graduação em Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie, SP. Campinas, SP, Brasil. joao.leonel@uol.com.br

theoretical framework used is the History of Book and Reading, Comparative Literature and History of Brazilian Protestantism.

Keywords

Imprensa Evangélica Newspaper. Literary Genres. Strategies. Formation of Protestant Reader.

Considerações Iniciais

O protestantismo se estabeleceu definitivamente em nosso país com a chegada e permanência dos primeiros missionários da nova religião em meados do século XIX. Traziam como principal estratégia a distribuição de bíblias e de literatura religiosa como meio de inserir a sua mensagem em um contexto católico romano. De fato, eles foram prolíferos na produção de textos, sermões, livros, relatórios, recebendo destaque do historiador Lyndon de Araújo Santos: “Os protestantes foram férteis na elaboração de escritos, desde atas de reuniões e assembleias, até as publicações, como panfletos, opúsculos, livros, Bíblias, crônicas, artigos, revistas e jornais”¹. Segundo Santos, que escreve em 2011, “Para o historiador, esse acervo, que está disperso em sua boa parte, significa um horizonte de pesquisas ainda a se explorado [...]”². Se esses aspectos do protestantismo ainda são pouco estudados pelos historiadores, que dizer dos estudiosos da literatura? A produção literária protestante dos inícios do movimento no Brasil oitocentista é floresta praticamente virgem a ser adentrada.

A divulgação da fé protestante e a produção e disseminação de literatura estavam unidas de modo indissolúvel na prática missionária no Brasil. O primeiro missionário a organizar uma igreja protestante com presença de brasileiros, em 1858, foi o médico e missionário escocês Robert Reid Kalley. Segundo seu biógrafo, logo após chegar em 1855 no Rio de Janeiro, Kalley: “1º. Publicava artigos ou obras na imprensa diária, para firmar certas doutrinas cristãs e expor os costumes da Igreja Primitiva, que eram desconhecidos do povo; 2º. Vendia e distribuía livros e folhetos para instruir o povo no único caminho seguro de Salvação [...]”³.

Sentindo a necessidade de literatura religiosa entre os brasileiros, Kalley agiu prontamente, o que permite averiguar a importância que atribuía à produção e distribuição de literatura religiosa:

¹ SANTOS, Lyndon de Araújo. Os protestantes no alvorecer dos anos 60. Um ensaio historiográfico a partir da obra de Henriqueta Braga. In: SILVA, Elizete da; ____; ALMEIDA, Vasni de (Orgs.). *“Fiel é a Palavra”*: Leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil. Feira de Santana, BA: UEFS Editora, 2011, p. 387.

² SANTOS, 2011, p. 387.

³ ROCHA, João Gomes da. *Lembranças do passado*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade Ltda, v. 1, 1941. p. 7-8.

De Lisboa, [Kalley] mandou vir uns 800 exemplares da “Divina Autoridade”. “Quero ter”, escreve em 4 de Setembro de 1856, “mais folhetos publicados no Rio de Janeiro tão depressa que podemos...”

Por esse tempo preparou e imprimiu um folheto sobre a “serpente de metal”, a que denominou “A Cobra de Bronze” ou “O Remedio Efficaz para os doentes mais desesperados”. Refundiu o antigo tratado – “O que é a Bíblia?” Traduziu a grande e célebre alegoria da experiência cristã – “A Viagem do Christão” ou “O Peregrino”, obra original de João Bunyan, e publicou-a, por extenso, no “Correio Mercantil” – primeiro ato memorável de propaganda, pois que, lançando mão da imprensa diária, instrumento poderoso e veículo legítimo, influía, por via dela, sobre um círculo maior e mais exaltado.

No domingo, 5 de Outubro de 1856, nas “Publicações a pedido”, saíram à luz os dois primeiros capítulos daquele livro intitulado “A Viagem do Cristão para a bemaventurança eterna, por um dos seus companheiros”.

Os trinta e cinco capítulos dessa obra interessantíssima foram publicados, de dois em dois dias mais ou menos, em Outubro, Novembro e Dezembro; os três últimos capítulos apareceram no número duplo do “Correio Mercantil” de 9 e 10 de Dezembro⁴.

É interessante perceber que Kalley segue a mesma estratégia de divulgação de textos literários que os escritores brasileiros do período. Segundo Hélio de Seixas Guimarães, “[...] o principal veículo de escoamento da produção literária oitocentista era o jornal, sendo raro o romance publicado em volume sem antes ter passado pelo rodapé dos diários cariocas”⁵. A publicação de *O Peregrino*, mencionada na citação anterior, seguiu o mesmo caminho.

A divulgação de literatura protestante no Rio de Janeiro em meados do século XIX pode ser quantificada e avaliada a partir do relatório de um dos colaboradores de Kalley:

O relatório de Francisco da Gama [relativo à sua atividade na cidade do Rio de Janeiro], nos meses de dezembro de 1856 a junho de 1857 contabiliza a visita a 454 casas e 744 entrevistas. No mesmo período vendeu 262 Bíblias, 168 Novos Testamentos e 183 folhetos: sendo distribuídos gratuitamente 4 Novos Testamentos e 1076 folhetos⁶.

O fundador da Igreja Presbiteriana do Brasil, o pastor norte-americano Ashbel Green Simonton, que aportou no Rio de Janeiro em 1859, igualmente atribuiu importância à literatura como estratégia de divulgação do protestantismo. Em carta para o *The Foreign*

⁴ ROCHA, 1941, p. 46-47. Transcrito seguindo grafia do texto publicado em 1941.

⁵ GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankin Editorial; EDUSP, 2004, p. 49-50.

⁶ CARDOSO, Douglas Nassif. *Robert Reid Kalley: médico, missionário e profeta*. São Bernardo do Campo, SP: Edição do autor, 2001, p. 125-126. “Folhetos” são pequenos textos, normalmente com 4 páginas, com narrativas de cunho evangelístico.

Missionary, jornal de sua missão, publicada em 1863, dá notícias de suas atividades no Rio de Janeiro durante o ano anterior. Entre elas trata das publicações:

Uma imprensa livre oferece vantagens para a disseminação da verdade evangélica que deve ser muitíssimo apreciada. Livros e tratados protestantes podem ser publicados sem necessidade de licença do governo; mesmo os jornais das grandes cidades prontamente aceitam inserir um artigo religioso cobrando as mesmas taxas de um artigo comum. A despesa de uso dos jornais é considerável, mas como vários deles circulam por todo o império, a verdade salvadora é, dessa forma, espalhada por um vasto campo⁷.

Em março do ano seguinte o periódico publica carta de Simonton com data de 12 de outubro de 1863, na qual volta ao assunto: “Muitas bíblias e tratados foram colocados em circulação e um grande número de pessoas está lendo”⁸. Em relatório escrito em 1867 aos colegas que estão no Brasil, ele declara:

Outro meio de pregar o Evangelho é a disseminação da Bíblia e de livros e folhetos religiosos [...] Devemos trabalhar para que se faça e se propague em toda a parte uma literatura religiosa em que se possa beber a pura verdade ensinada na Bíblia⁹.

Portanto, fica claro pela ação dos dois expoentes do protestantismo em seus primórdios o espaço de relevância que as publicações religiosas ocupavam. Tal constatação permite identificar, mesmo que de forma incipiente, a origem de um sistema literário protestante brasileiro. Terá participação fundamental na instituição de tal sistema o jornal *Imprensa Evangelica*, fundado por Simonton, seus colegas missionários e os primeiros frutos nativos da pregação protestante.

Jornal Imprensa Evangélica

O jornal, o primeiro periódico protestante brasileiro, surgiu como uma iniciativa de Simonton, que foi seu primeiro editor no Rio de Janeiro. Segundo Edwiges Rosa dos Santos, a decisão pela criação do jornal surgiu da constatação das possibilidades para sua criação e da importância atribuída pelos brasileiros à imprensa:

As viagens de reconhecimento e evangelização levaram-no [Simonton] a conhecer a situação social, política, econômica, religiosa e, conseqüentemente, as publicações jornalísticas de diversas regiões. Os artigos publicados nos periódicos na cidade do Rio de Janeiro e nos locais

⁷ SIMONTON, Ashbel Green. *Mission in Brazil, 1862. The Foreign Missionary*, New York, May, 1863, p. 343-344. Tradução nossa.

⁸ SIMONTON, Romanism and the Gospel in Brazil. *The Foreign Missionary*, New York, March, 1864, p. 255.

⁹ SIMONTON, Apêndice II. Os meios necessários e próprios para plantar o reino de Jesus Christo no Brasil. Lido perante o Presbitério do Rio de Janeiro no dia 15 de julho de 1867. In: _____. *Diário: 1852-1867*. Tradução de D. R. de Moraes Barros. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1982. p. 210.

por onde passou em suas viagens missionárias chamaram sua atenção. O jovem missionário percebeu que os jornais traziam vários artigos a respeito de religião, em especial contra a Igreja Católica.

Simonton notou que a população brasileira acompanhava com interesse as notícias e os debates sobre religião que eram publicados nos jornais por políticos e intelectuais, e sentiu-se motivado a fundar um jornal para ampliar a divulgação do Evangelho e, ao mesmo tempo, alcançar as pessoas que não participavam dos cultos protestantes¹⁰.

O primeiro número saiu em 05 de novembro de 1864. Em registro de 26 de outubro de 1864 em seu diário, Simonton registra as tensões experimentadas com os preparativos para o lançamento do primeiro número:

Ontem de manhã Santos Neves e Quintana vieram até nossa casa receber os originais do primeiro número da *Imprensa Evangélica*, o jornal semanal que resolvemos publicar. Sinto mais a responsabilidade deste passo que de qualquer outra coisa que antes intentei. Primeiro nos ajoelhamos em oração e entregamos a *Imprensa* e nós mesmos à direção divina. O caminho parece aberto e só nos resta avançar com decisão¹¹.

Cerca de um mês depois, Simonton faz novamente referência ao jornal em seu diário:

A *Imprensa Evangélica* tem-me dado muita ansiedade. Foi começada com o Padre [José Manoel da Conceição], eu e o Sr. Blackford na redação, deixando para Neves de Quintano (Sic) a gerência. Foi programada pra sair uma vez por semana. Poucos dias foram suficientes para mostrar a insensatez de tal plano e a certeza de ficarmos envolvidos em grandes perdas se não assumíssemos a gerência¹².

O jornal circulou até 02 de junho de 1892, sendo, a partir do segundo número, editado quinzenalmente. A *Imprensa Evangelica* passou pelas mãos de vários editores. Inicialmente Simonton, de 1864 até sua morte em 1867. Em seguida seu cunhado, o missionário Blackford assumiu a tarefa, estando à frente do jornal de 1868 a 1876. O próximo editor foi o também missionário George W. Chamberlain, que durou de 1877 a 1885. Na última fase, de 1886 a 1892, houve um esforço que envolveu vários missionários norte-americanos e pastores nacionais na direção do jornal¹³. A *Imprensa Evangelica* transferiu-se duas vezes para São Paulo. A primeira em outubro de 1879, retornando para o Rio de Janeiro em outubro de 1889. A segunda, em maio de 1891, onde, no ano seguinte, cessou suas atividades. A missão norte-americana, que subsidiava o jornal, diante do

¹⁰ SANTOS, Edwiges Rosa dos. *O jornal Imprensa Evangelica: diferentes fases no contexto brasileiro (1864-1892)*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2009, p. 62-63.

¹¹ SIMONTON, Ashbel G. *Diário, 1852-1867*. Tradução de D. R. de Moraes Barros. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1982, p. 194.

¹² SIMONTON, 1982, p. 195.

¹³ Cf. SANTOS, 2009, p. 18-19.

acirramento das tensões entre os missionários americanos e os pastores nacionais, decretou o encerramento de suas atividades.

A iniciativa de Simonton em criar o jornal não era fruto de um rompante de entusiasmo e nem uma aventura inconsequente. Pelo contrário, ao chegar ao Rio de Janeiro tivera a oportunidade de presenciar a mesma estratégia sendo colocada em prática com êxito pelo missionário Robert Kalley, conforme citações anteriores. E percebeu que a imprensa carioca era ativa e abria grandes possibilidades para a inserção de material propagandístico religioso, conforme registra em carta à missão transcrita acima.

Além do mais, o jovem missionário trazia de seu país dados significativos a respeito das publicações. Desde o século XIX, e mesmo antes dele, os mercados produtores e consumidores de jornais e literatura nos EUA e Brasil eram muito diferentes. Se naquele, “De 1850 a 1859, 32 títulos registraram vendagem igual ou superior a 225 mil exemplares”¹⁴, no Brasil “Os livros saíam em edições de mil exemplares, e apenas títulos muito bem-sucedidos chegavam à segunda edição, que poderia demorar dez, vinte ou trinta anos”¹⁵.

A literatura religiosa americana não deixava por menos. Robert Baird registra os esforços pela divulgação da Bíblia em seu país, mencionando a *American Bible Society*, a maior entre outras sociedades do mesmo gênero, composta por representantes dos diversos ramos do protestantismo norte-americano. Em 1843 a entidade promoveu a impressão de 216.605 cópias da Bíblia¹⁶. Livros religiosos também eram intensamente publicados. Para Baird: “Nenhuma área das atividades religiosas nos EUA tem sido mais vigorosamente desenvolvida do que a de preparar, publicar e fazer circular escritos morais e religiosos em várias formas”¹⁷. Para tanto, além das editoras ligadas a grupos religiosos específicos, havia a *American Tract Society*, cujo comitê de publicações era formado por pastores de diversas igrejas protestantes. Segundo relatório, em seus 18 anos de existência (1825-1843), a sociedade trouxe à luz 1.069 diferentes publicações. O total de cópias de suas obras em 1843 somavam 4.156.500 exemplares.

Quanto aos jornais, os números norte-americanos impressionam, havendo um crescimento vertiginoso no número de periódicos no século XIX. Em 1828 havia 852 jornais. Passados 32 anos, em 1860 o número chega a 4051¹⁸. Baird apresenta números ligados exclusivamente aos jornais religiosos. Em 1843, “Mais de 60 jornais evangélicos são publicados semanalmente. Os Metodistas publicam 8, incluindo um em alemão [...]. Os Episcopais têm 12; os Batistas 20; os Presbiterianos [...] mais de 20.[...] No total, eles não

¹⁴ GUIMARÃES, 2004, p. 64-65.

¹⁵ GUIMARÃES, 2004, p. 66.

¹⁶ BAIRD, Robert. *Religion in America*. New York: Harper & Brothers, 1844, p. 166.

¹⁷ BAIRD, 1844, p. 167.

¹⁸ GUIMARÃES, 2004, p. 65, nota 69.

devem ter menos de 250.000 assinantes”¹⁹. E, segundo o autor, em relação aos jornais comerciais: “Se considerarmos os editores de forma geral, devemos reconhecer que eles são prontos a disponibilizar suas colunas para a publicação de textos religiosos”²⁰.

Como Simonton vem ao Brasil em 1859, ele traz na bagagem o testemunho da expansão do impresso em seu país, principalmente o religioso, o que certamente exerce influência na decisão de criar no Brasil um jornal protestante semanal.

A *Imprensa Evangelica* trazia artigos sem identificação de autoria. Embora tal prática pareça estranha hoje, não o era naquele momento. Conforme esclarece Socorro de Fátima Pacífico Barbosa, “Desde os primórdios da imprensa brasileira, observa-se uma tendência forte ao anonimato, ou ao uso indiscriminado do pseudônimo, tanto nos jornais da Corte como naqueles existentes nas províncias a partir da segunda a partir da segunda década do século XIX”²¹. Tal artifício foi utilizado por autores desconhecidos assim como por autores consagrados, como José de Alencar e Machado de Assis. Quanto aos motivos: “Uma das razões, a mais óbvia talvez, diz respeito à necessidade de proteção, seja da autoridade, seja da reputação, ou até mesmo, no caso das mulheres, de algum pai ou marido ciumento”²². Provavelmente Simonton os demais articulistas, ao utilizarem o anonimato, visavam protegerem-se de possíveis represálias.

O editorial do primeiro número deixa claro o objetivo do jornal:

No meio do chãos de idéas religiosas, que divide actualmente os homens, inútil fôra descobrir-lhes as fontes d’onde borbulha o mal, se para cura-lhes não applicassem meios. A propagação do Evangelho, pela vivificação da devoção domestica, pelo órgão de uma folha, particularmente a isso consagrada, eis da nossa parte a applicação dos meios.[...] Este trabalho, não tendo em vistas senão os interesses exclusivamente religiosos da sociedade em geral, como em particular do individuo, estranho á toda e qualquer ingerência em politica, a todos é consagrado; porém com muita particularidade o dedicamos áquelles para quem a religião de Jesus Christo ainda não se tornou cousa indifferente, e, no meio da perversão universal de seus principios divinos, não trahirão ainda o dom mais precioso de Deos – a liberdade de consciencia perante o Evangelho²³.

Ou seja, a finalidade é religiosa, visando propagar o evangelho aos indivíduos, às famílias e à sociedade em geral, principalmente para aqueles que ainda consideram com seriedade as questões religiosas, e que mantêm liberdade de consciência diante desse assunto. Por outro lado, fica claro também o que o jornal não abordará: a política. Tão

¹⁹ BAIRD, 1844, p. 171.

²⁰ BAIRD, 1844, p. 171.

²¹ BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007, p. 32.

²² BARBOSA, 2007, p. 33.

²³ PROSPECTO. *Imprensa Evangelica*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 1, Sabbado, 05 de novembro de 1864. Preserva-se a grafia original.

posição é justificada por ser um jornal protestante em um país que ainda mantém o catolicismo como religião oficial.

Algumas informações a respeito do formato e conteúdo são indicadas: “Sahirá semanalmente em numero de 8 paginas que, além dos artigos de fundo, conterà um noticiário universal de interesse puramente evangélico”²⁴. Com o desenvolvimento do jornal, outras matérias foram acrescentadas, como, por exemplo, o anúncio de venda de obras religiosas. Segundo Boanerges Ribeiro, o primeiro número apresenta uma tiragem de 450 exemplares²⁵. Ribeiro fornece informações a respeito da materialidade do jornal, bem como uma síntese das matérias veiculadas:

O formato se mantém pouco alterado, à medida que o século avança. Impressa em quarto, a qualidade do papel não se mantém: volumes em áspero jornal, e outros em papel de maior peso e melhor contextura. A partir de 1868 inserem-se gravuras a traço com a intenção (declarada) de popularizar o periódico.[...] Há longas publicações em séries, desde a *História da Igreja*, de Wharey, até à *Confissão de Fé*, de Westminster e o *Livro de Ordem* da Igreja Presbiteriana; ou biografias, como a de Bernardo de Palissy [...] ou “ficção evangélica”, um gênero aparentemente extinto, em que os heróis são evangélicos que vencem perseguições ou outros obstáculos à vida cristã [...] Há noticiário internacional, usualmente nas últimas páginas; nesse noticiário desenha-se a imagem de uma Igreja Católica Romana em crise, dividida, perdendo fiéis e sacerdotes pelo mundo a fora, bem como de missões protestantes mundiais, Bíblias fartamente distribuídas e lidas²⁶.

Estratégias de formação de leitores na *Imprensa Evangelica*

A partir da descrição genérica dos conteúdos do jornal, este item analisa como desenvolvem estratégias de formação de leitores e, por decorrência, o tipo de imagem de leitores apresentada. Para manter-me dentro dos limites desejáveis para um artigo, tomo como corpus de análise a primeira fase do jornal, que se estende de 1864-1867. Ela corresponde ao período em que Simonton foi o editor, função que ocupou até sua morte. Dentro dessa demarcação escolho, dentre várias matérias, aquela intitulada “Instrução e culto domestico”, que apresenta uma série de instruções para o ensino da Bíblia no contexto familiar. A justificativa para tal escolha encontra-se na importância atribuída à família no primeiro editorial da publicação, onde Simonton afirma: “A propagação do Evangelho, pela vivificação da devoção domestica, pelo órgão de uma folha, particularmente a isso consagrada, eis da nossa parte a aplicação dos meios”²⁷.

²⁴ PROSPECTO, n. 1, p. 1, Sabbado, 05 de novembro de 1864, p. 1.

²⁵ RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo e cultura brasileira: aspectos culturais da implantação do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981, p. 97.

²⁶ RIBEIRO, 1981, p. 98-99.

²⁷ PROSPECTO, n. 1, p. 1, 05 de novembro de 1864, grifo nosso.

Sob a rubrica “Instrução e culto domestico” veicula-se uma espécie de catecismo na forma de pergunta e resposta que se prolonga do primeiro ao terceiro número do jornal analisando a oração do Pai Nosso. Com a mesma rubrica, a partir do n. 4 (17 de dezembro de 1864) continuam as instruções, agora utilizando os Dez Mandamentos. Neste artigo farei uso apenas dos textos relativos à oração do Pai Nosso.

A *Imprensa Evangelica*, como qualquer produção escrita no contexto brasileiro do século XIX, era destinada a uma minoria letrada. Como se sabe, o primeiro censo realizado no Brasil, em 1872, relevou que o índice de analfabetismo entre a população de 5 anos para cima era de 82,3%. Se for considerada a idade mínima de 10 anos, o índice diminui um pouco, indo para 78%. Tais indicadores permaneceram praticamente inalterados até o censo de 1890, dois anos antes do jornal finalizar suas atividades.

Portanto, a *Imprensa Evangelica*, incapacitada de atingir diretamente as massas, se voltava aos letrados para, a partir deles, expandir seus frutos à população. Essa estratégia encontrava na educação familiar campo propício para seu desenvolvimento. Afinal, não era incomum que no lar de uma família de posses e de relativa cultura, houvesse considerável número de filhos, possivelmente um ou mais escravos, além de vizinhos ou compadres que para lá se deslocavam com frequência. A eles se destinava os artigos de “Instrução e culto domestico” no contexto social de aprendizado via memorização, conforme nos lembra Jean-François Gilmont:

Ora, a catequese é uma atividade na qual a oralidade predomina. A memorização do catecismo precede sua explicação. Sem dúvida, o livro é indispensável: o texto lido em voz alta pelo pai de família ou pelo catequista é seguido em silêncio com os olhos pela criança que escuta. Nesse uso do escrito, o livro é um suporte de memória²⁸.

O ensino familiar é explicitado na edição de n. 4 do jornal quando o autor inicia o texto com a instrução: “Primeiro que tudo mande o *chefe de família ou mestre* abrir a Escripura Sagrada no livro [...]”²⁹. O gênero catecismo também privilegia a oralidade e o contato social, uma vez que o formato pergunta-resposta dispensa os ouvintes da posse do jornal. O alvo do ensino, as crianças, também é indicado no primeiro texto de “Instrução e culto domestico”, na primeira pergunta: “- Meu *filho*, o que é orar?”³⁰. Os adultos também são incluídos nesse processo educativo. Em certos momentos, há orientações para que o

²⁸ GILMONT, Jean-François. Reformas protestantes e leitura. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Orgs.). *História da leitura no mundo ocidental*. v. 2. Tradução de Cláudia Cavalcanti (alemão), Fulvia M. L. Moretto (italiano), Guacira Marcondes Machado (francês), José Antônio de Macedo Soares (inglês). São Paulo: Ática, 2002, p. 61.

²⁹ INSTRUCÇÃO E CULTO DOMESTICO. *Imprensa Evangelica*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 3, Sabbado, 17 de dezembro de 1864, grifo nosso.

³⁰ INSTRUCÇÃO E CULTO DOMESTICO, n. 1, p. 2, Sabbado, 05 de novembro de 1864, grifo nosso.

dirigente da reunião os exorte a considerar os ensinamentos bíblicos: “(faça ver o pai ou a mãe [sic] de família, como Jesus pagou por sua obediência e morte na cruz [...])”³¹.

Transcrevo a seguir fragmentos do corpus escolhido, considerando que o objetivo não é desenvolver uma análise minuciosa, seja ela teológica ou mesmo de conteúdo, mas identificar indicadores do grupo leitor assim como estratégias de formação e convencimento de tais leitores.

Instrução e culto doméstico

O PAI NOSSO

- Meu filho, o que é orar?
- É dizer a Deus tudo o que sentimos e pedir a Ele em nome de Jesus tudo o que precisamos. Os meninos podem dirigir-se a Deus com a mesma confiança com que se dirigem a seus pais.
- Quaes são as culpas que a gente muitas vezes commette em suas orações?
- Muita gente, em vez de fechar-se em seu quarto onde a alma sem distracção pôde elevar-se a Deus que está presente em toda a parte, busca os lugares mais publicos para serem vistos dos homens (*Matt. 6,6*). Alguns, à imitação dos pagãos, repetem sempre as mesmas palavras, como se o Deus dos christãos não pudesse logo compreender o que desejamos (*Matt. 6,5*).[...]³².
- Que significa a palavra *nosso*?
- Que Deus tem muitos filhos, e todos os homens são irmãos, e devem amar uns aos outros e orar uns pelos outros.
- Por que se diz estar Deus nos céos?
- Para nos fazer entender a grandeza e a gloria de Deus, e a mentira daqueles que ensinão que Deus habita na terra ou tem semelhança alguma. Deus é celeste e invisível.[...].
- Como é que se santifica o nome de Deus?
- Santificamos o nome de Deus quando temos no coração taes pensamentos e sentimentos, que, ao ouvirmos ou pronunciarmos o seu nome, o façamos com reverencia, humildade e amor.
- Como fazem os Anjos a este respeito. (*Isaias 6,3*).[...]

Para decorar.

Um convite.

Vinde a mim todos os que andais em trabalho e vos achais carregados, e eu vos aliviarei: tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração, e achareis descanso para as vossas almas, porque o meu jugo é suave e o meu peso leve. (*Matt. 11,28-30*).

Oração.

Senhor, nosso Deus, nós te damos graças por nos ensinares a chamar – *Pai nosso que estás nos céos*.

- Faze com que te amemos, te reverenciemos e te obedeçamos como filhos. Perdôa-nos as nossas culpas por amor de Nosso Senhor Jesus Christo. Ajuda-nos a

³¹ INSTRUCÇÃO E CULTO DOMESTICO, n. 2, p. 7, Sabbado, 19 de novembro de 1864, grifo nosso.

³² INSTRUCÇÃO E CULTO DOMESTICO, n. 1, p. 2, Sabbado, 05 de novembro de 1864.

glorificar o teu nome, enquanto estivermos sobre a terra, para que, em morrendo, sejamos levados para onde não haverá mais pecado, nem dôr, nem prato, e onde o Senhor enxugará as lagrimas de todos os olhos! Amen³³.

Um aspecto teórico motiva algumas questões que são relevantes neste momento. A teoria está relacionada ao suporte no qual o texto se encontra. Como lembra Roger Chartier, “Os dispositivos tipográficos [...] dão suportes móveis às possíveis atualizações do texto”³⁴. De modo concreto, o que se coloca em discussão é a questão: como um catecismo, que infelizmente não foi possível detectar a procedência, uma vez inserido em um jornal produz sentido a novos leitores a partir desse suporte? De que forma o novo suporte no qual o catecismo é impresso pode indicar uma visão de leitores concretos seguida de estratégias de formação desses leitores?

Começamos a busca pela identidade dos leitores/ouvintes com a análise do título: “Instrução e culto domestico”. A expressão “culto doméstico” é comum ao meio protestante, que desde sua origem na Reforma do século XVI enfatizou a leitura pessoal, familiar e litúrgica da Bíblia. Para exemplificar a utilização e prática da expressão, cito o documento *Princípios de Liturgia*, da Igreja Presbiteriana do Brasil, cuja gênese remonta ao viés calvinista da Reforma Protestante, em seu capítulo IV sob o título de “Culto Individual e Doméstico”, que afirma no artigo n. 10: “Culto doméstico é o ato pelo qual os membros de uma família crente se reúnem diariamente, em hora apropriada, para leitura da Palavra de Deus, meditação, oração e cântico de louvor”³⁵. Temos, portanto, um texto que, a partir do seu título, está voltado para famílias protestantes e ampara-se em uma prática social comum a essa tradição religiosa.

Os textos que analisam o Pai Nosso, dos quais o primeiro foi transcrito parcialmente acima, são divididos em três segmentos: PAI NOSSO, *Para decorar, Oração*. As palavras em letras maiúsculas indicam que o principal elemento é o primeiro, o PAI NOSSO, para o qual os dois seguintes, em itálico, funcionam como complemento. Essa interpretação é viável, visto que toma por base dois componentes da liturgia de um culto protestante: leitura da bíblia seguida de oração. Em outras palavras, a seção do jornal “Instrução e culto domestico” acompanha, resumidamente, os passos litúrgicos de um culto protestante. Temos, então, outro dado que demonstra que esses textos são de origem e se destinam a um público protestante. Da mesma forma, o termo *Oração*, que subdivide o texto, também aponta para uma procedência protestante, uma vez que no catolicismo é mais comum o uso dos vocábulos *reza* e *prece*.

³³ INSTRUCÇÃO E CULTO DOMESTICO, n. 1, p. 3, Sabbado, 05 de novembro de 1864.

³⁴ CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: _____ (Org). *Práticas da leitura*. 2. ed. rev. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 100.

³⁵ PRINCÍPIOS DE LITURGIA. In: MANUAL PRESBITERIANO. Igreja Presbiteriana do Brasil. 11 ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1993, p. 110.

Outro detalhe reforça a constatação de que o texto era destinado a protestantes – a utilização de uma versão bíblica protestante. Embora ela não seja indicada no jornal, a terminologia infere a procedência. Por exemplo, no primeiro texto de “Instrução e culto domestico”, que aborda a oração do Pai Nosso, temos pergunta e resposta baseadas no evangelho de Mateus, capítulo 6, versículo 9: “– Como é que Deos quer que o chamemos? Não é admirável, que Deos, sendo tão grande e glorioso, consentisse e desejasse que homens pecadores, e até os pequeninos, lhe dessem o nome de *pai*?”³⁶. “Pai” aparece na versão protestante de João Ferreira de Almeida, conforme edição de 1860 que circulava no Brasil e era utilizada pelos missionários: “Vósoutros pois orareis assim: *Pai* nosso [...]”³⁷. Já a edição bíblica do padre Antonio Pereira de Figueiredo, de 1850, adotada de forma ampla pelo catolicismo na época, traz: “Assim é pois que vós haveis de orar: *Padre* nosso que estás nos Céus [...]”³⁸.

Por outro lado, no último texto que trata do Pai Nosso, após a última petição, “Mas livra-nos do mal” (Mt 6.13), segue a pergunta: “– Que quer dizer a palavra *Amén*, com que acaba o Pai Nosso?”³⁹. O “amém” que vem após a última petição reflete a versão católica do padre Figueiredo de Mateus 6.13: “E não nos deixes cair em tentação. Mas livra-nos do mal. Amén”⁴⁰. A versão protestante contém um complemento que destaco em itálico: “E não nos mettas em tentação, mas livra-nos do mal: *porque teu he o Reino, e a potencia, e a gloria, para todo sempre. Amen*”⁴¹. Nesse caso, o autor de “Instrução e culto domestico” fez uso de uma versão católica da Bíblia⁴². O mesmo acontece com o texto bíblico de Mateus 11.28-30 proposto para ser decorado no primeiro texto dessa seção:

Vinde a mim todos os que andais em trabalho e vos achais carregados, e eu vos alliviarei: tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração, e achareis descanso para as vossas almas, porque o meu jugo é suave e o meu peso leve⁴³.

O texto é praticamente o mesmo da versão do padre Figueiredo:

28 Vinde a mim todos os que andais em trabalho, e vos achais carregados, e eu vos alliviarei.

³⁶ INSTRUCÇÃO E CULTO DOMESTICO, n. 1, p. 2, Sabbado, 05 de novembro de 1864, grifo nosso.

³⁷ BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira A. D’Almeida. Nova York: Sociedade Americana da Bíblia, 1860, p. 8, grifo nosso.

³⁸ A BÍBLIA Sagrada. Tradução de Antonio Pereira de Figueiredo. Londres: Oficina de G. Watts, 1850, p. 5, grifo nosso.

³⁹ INSTRUCÇÃO E CULTO DOMESTICO, n. 3, p. 5, Sabbado, 03 de dezembro de 1864.

⁴⁰ A BÍBLIA Sagrada. Tradução de Antonio Pereira de Figueiredo, 1850, p. 5.

⁴¹ BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira A. D’Almeida, 1860, p. 8, grifo nosso.

⁴² As diferenças entre o texto transcrito no jornal e a versão da Bíblia protestante também testemunham o uso da tradução de Figueiredo.

⁴³ INSTRUCÇÃO E CULTO DOMESTICO, n. 1, p. 3, Sabbado, 05 de novembro de 1864.

29 Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração: e achareis descanso para as vossas almas.

30 Porque o meu jugo he suave, e o meu pezo leve⁴⁴.

Salvo pequenas diferenças de pontuação e de algumas palavras grafadas de forma diversa, o texto é o mesmo. Isso não ocorre em relação à versão protestante de João Ferreira de Almeida:

28 Vinde a mim todos os que estais cansados, e carregados, e eu vos farei descansar.

29 Tomai sobre vós meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para vossas almas.

30 Porque meu jugo he brando, e leve a minha carga⁴⁵.

Há diferenças consideráveis, nos v. 28 e 30, entre a edição protestante e as duas anteriores, o que indica que o autor do texto do jornal fez uso de uma edição católica ou próxima dela no texto do evangelho de Mateus apresentado aos leitores para ser decorado.

Os dados levantados acima testemunham que uma Bíblia católica também foi utilizada na seção “Instrução e culto domestico”, demonstrando o propósito de atingir leitores/ouvintes católicos. Isso fica mais evidente ainda no contexto da pergunta e resposta relativas a Mateus 6.12⁴⁶: “- Quem são nossos devedores? [...] Muita gente reza o *Pai Nosso* com o coração cheio de ódio e de desejo de vingar-se de seus inimigos. Se Deos lhes perdoasse assim como elles perdoão aos seus devedores, que sorte terião elles?”⁴⁷. Destaco a ocorrência do termo “reza”. Ele é utilizado em referência à correção de atitude de pessoas que rezam, ou seja, de católicos. Esse fato releva que o texto pressupunha a presença de católicos nas reuniões e dirigia-se a eles com o propósito de orientá-los em seu comportamento.

As análises até aqui desenvolvidas indicam que a seção “Instrução e culto domestico” dirigia-se a reuniões familiares onde estariam presentes tanto protestantes quanto católicos. Embora as orientações estejam voltadas para crianças, como já foi notado, elas não desconsideravam os adultos, uma vez que os dirigentes são lembrados a não se esquecessem dos adultos presentes, conforme foi destacado em texto citado na nota n. 32.

Passamos a nos perguntar agora pelas estratégias utilizadas para formar tais leitores. A penetração do jornal, não apenas na Corte no Rio de Janeiro, mas em vários

⁴⁴ A BÍBLIA Sagrada. Tradução de Antonio Pereira de Figueiredo, 1850, p. 11.

⁴⁵ BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira A. D’Almeida, 1860, p. 14.

⁴⁶ “E perdoa-nos nossas dividas assim como nos perdoamos aos nossos devedores”.

⁴⁷ INSTRUCÇÃO E CULTO DOMESTICO, n. 2, p. 8, Sabbado, 19 de novembro de 1864, grifo do autor.

estados do país permite concluir que “Instrução e culto domestico” era um meio pelo qual o protestantismo chegava a lugares aonde os missionários ainda não haviam estado ou não haviam fixado residência, levando uma forma simples de doutrinação protestante. Mesmo um leigo poderia dirigir uma reunião fazendo uso das perguntas e respostas. Nesse sentido, o jornal, e especificamente a seção que estudamos aqui, exerciam a função de intermediários entre leitores/ouvintes e os missionários protestantes.

A primeira estratégia de formação de leitores é a própria proposta de uma reunião familiar conduzida pelo pai de família ou por um responsável, leigo ou pastor. Em um Brasil profundamente patriarcal de meados do século XIX, a autoridade paterna seria transposta para o exercício do ensino bíblico. Obviamente esse contexto social teria influência na recepção de tal ensino por parte dos ouvintes, fossem eles crianças ou adultos que, convidados pelos anfitriões, teriam profundo respeito por eles.

A segunda estratégia submetia os leitores, protestantes ou não, a uma forma de doutrinação própria a esses textos de gênero catequético. O formato pergunta-resposta trazia compreensão do texto bíblico segundo a interpretação protestante. Nesse caso, havia uma padronização do ensino bíblico que visava igual padronização de leitores. Isso se torna mais agudo com o item *Para decorar*, que impõe o mesmo conteúdo aos presentes. Com isso, modelava-se um leitor dentro de uma tradição doutrinária protestante, para a qual o ensinamento conceitual de doutrinas era mais importante do que a diversidade de conteúdos presentes nos diversos gêneros literários da Bíblia.

A terceira estratégia fazia uso de bíblias protestante e católica como uma forma de afirmação da tradição à qual pertenciam os missionários, no primeiro caso, assim como para atrair os católicos, no segundo. O leitor católico sentir-se-ia mais à vontade e poderia tornar-se mais acessível ao ensino protestante.

A quarta e última estratégia consistia na ausência de transcrição integral dos textos bíblicos na seção. Tal procedimento estimulava os ouvintes a possuírem a Bíblia para acompanhar as lições. Claro que era possível que apenas o dirigente estivesse com o texto bíblico. Entretanto, é necessário lembrar que os missionários atribuíam grande importância à posse da Bíblia, importando-a e mantendo depósitos para sua distribuição. Portanto, os ouvintes eram estimulados a possuírem seus exemplares da Bíblia Sagrada. Dessa forma, de ouvintes/leitores do jornal e participantes das reuniões protestantes eles se tornariam leitores da Bíblia.

Considerações finais

A inserção do protestantismo em solo pátrio não seria a mesma sem a palavra impressa. Uma nova religião, despojada dos aparatos ritualísticos e cúlticos da igreja romana, com um clero diferenciado, trazia, em si, elementos que apontavam para suas provável não sua aceitação pelos brasileiros. Por isso mesmo, a opção pela divulgação de

literatura religiosa por parte dos missionários protestantes permitiu que os brasileiros pudessem travar conhecimento com o movimento sem necessariamente envolver-se diretamente com ele.

O jornal *Imprensa Evangélica* desempenhou tal função. A variedade de gêneros nele presente dava uma ideia do pensamento e posicionamento do protestantismo diante da religião oficial do país e de assuntos de cunho moral e cívico. Chegando a lugares onde os missionários não tinham condições de chegar, fosse pela dificuldade de acesso ou mesmo pelo escasso número de religiosos no Brasil, o jornal transmitia o ideário protestante a um número considerável de brasileiros.

Este artigo abordou as estratégias presentes no periódico que buscavam fortalecer a fé dos poucos protestantes existentes no Brasil e convencer a população católica a aderir ao protestantismo. Analisando um gênero específico na forma de catecismo denominado “Instrução e culto domestico”, procurou-se identificar o público a que estava voltado, o contexto social de uso e as estratégias de convencimento utilizadas.

Quanto ao público, era constituído principalmente de crianças, às quais as perguntas se dirigiam, mas há indícios de que os adultos também eram alvo do ensino. Dessa forma, no contexto familiar, se integrava os membros da família a partir de um texto que trazia linguagem infantil, e, ao mesmo tempo, um conteúdo que seria compreensível aos adultos protestantes, mas também a católicos não acostumados ao doutrinamento.

O contexto social, ele próprio uma estratégia, era o da reunião familiar, prática comum no século XIX brasileiro, acostumado aos serões familiares. O encontro poderia ser dirigido por um pastor, por um líder leigo, ou mesmo pelo chefe da família, uma vez que o gênero catecismo traz a vantagem de responder as perguntas feitas. Tal formato facilitou o desenvolvimento do protestantismo no Brasil, visto que o número diminuto de missionários e de pastores não permitiria a presença deles nas reuniões que se faziam em várias cidades do país. O contexto de reunião familiar favorecia a autoridade do líder que ensinava a Bíblia e permitia a criação de núcleos familiares protestantes que foram, nos primórdios do movimento no Brasil, seu principal propulsor.

O uso de versões bíblicas, tanto protestante quanto católica, era uma tentativa de evitar o estranhamento aos católicos presentes às reuniões e de gerar uma ideia de proximidade do protestantismo em relação ao catolicismo. Ao mesmo tempo, a presença da versão protestante era uma forma de fazer a transição para os textos e as práticas religiosas desse segmento religioso. O formato de catecismo, em si um gênero de fechamento de sentidos, completaria tal transição, dando um conteúdo extremamente dogmático à constituição desses leitores católicos em protestantes.

A falta da transcrição dos textos bíblicos nas seções de “Instrução e culto domestico”, como já foi comentado, era uma estratégia para criar a necessidade de posse e leitura da Bíblia, leitura que seria, obviamente, mediada pelos ensinamentos protestantes

iniciados com essa seção do jornal. Dessa forma, criava-se um círculo virtuoso que ia do catecismo para a Bíblia, da Bíblia para o catecismo, e que, com o tempo, agregaria novos elementos: a leitura pessoal da Bíblia, a participação nos cultos protestantes, e, por fim, a possível adesão ao movimento.

Da análise das estratégias pode-se ressaltar, por um lado, a flexibilidade manifestada pelos editores do jornal ao utilizar um material que voltava-se para pessoas que já eram protestantes, e mais ainda para aqueles que ainda não haviam aderido ao movimento. Por outro lado, mediante o uso de textos catequéticos, constata-se a rigidez da formação de tais leitores, uma vez que buscava constituir um único sentido ao texto bíblico por intermédio da interpretação protestante da Bíblia. Flexibilidade de forma e rigidez de conteúdo, elementos que seguirão os passos da constituição do protestantismo brasileiro.

Referências

BAIRD, Robert. *Religion in America*. New York: Harper & Brothers, 1844, p. 166. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=QBCHYLPSJkC&printsec=frontcover&dq=robert+baird&source=bl&ots=B9Q0Mu81K4&sig=2Wjofl49vE9orKqL7Ln7xe8LoLU&hl=pt-BR&sa=X&ei=CD5OUPXPHY-Q8wSY_YHYBw&ved=0CDYQ6AEwAQ#v=onepage&q=robert%20baird&f=false>. Acesso em: 08 de jul. de 2014.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

A BÍBLIA Sagrada. Tradução de Antonio Pereira de Figueiredo. Londres: Oficina de G. Watts, 1850. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=TcdWAAAACAAJ&pg=PP7&dq=B%3%ADblia+Sagrada&hl=pt-BR&sa=X&ei=N2_OU7HIIYbJsQTsxoKgDA&ved=0CEwQ6AEwBjgK#v=onepage&q=B%3%ADblia%20Sagrada&f=false>. Acesso em: 22 de jul. de 2014.

BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira A. D'Almeida. Nova York: Sociedade Americana da Bíblia, 1860. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=YoZLAAAIAAJ&printsec=frontcover&dq=B%3%ADblia+Sagrada&hl=pt-BR&sa=X&ei=4GzOU-yQN82-sQSZIIDQBw&ved=0CEAQ6AEwAw#v=onepage&q=B%3%ADblia%20Sagrada&f=false>>. Acesso em: 22 de jul. de 2014.

CARDOSO, Douglas Nassif. *Robert Reid Kalley: médico, missionário e profeta*. São Bernardo do Campo, SP: Edição do autor, 2001.

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: _____ (Org). *Práticas da leitura*. 2. ed. rev. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 77-105.

GILMONT, Jean-François. Reformas protestantes e leitura. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Orgs.). *História da leitura no mundo ocidental*. v. 2. Tradução de Cláudia Cavalcanti (alemão), Fulvia M. L. Moretto (italiano), Guacira Marcondes Machado (francês), José Antônio de Macedo Soares (inglês). São Paulo: Ática, 2002, p. 47-67.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankin Editorial; EDUSP, 2004.

INSTRUÇÃO E CULTO DOMESTICO. *Imprensa Evangelica*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 2, Sabbado, 05 de novembro de 1864.

PRINCÍPIOS DE LITURGIA. In: MANUAL PRESBITERIANO. Igreja Presbiteriana do Brasil. 11 ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1993.

PROSPECTO. *Imprensa Evangelica*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 1, Sabbado, 05 de novembro de 1864.

RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo e cultura brasileira: aspectos culturais da implantação do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981.

ROCHA, João Gomes da. *Lembranças do passado*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade Ltda, v. 1, 1941.

SANTOS, Edwiges Rosa dos. *O jornal Imprensa Evangelica: diferentes fases no contexto brasileiro (1864-1892)*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2009.

SANTOS, Lyndon de Araújo. Os protestantes no alvorecer dos anos 60. Um ensaio historiográfico a partir da obra de Henriqueta Braga. In: SILVA, Elizete da; _____; ALMEIDA, Vasni de (Orgs.). *"Fiel é a Palavra": Leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil*. Feira de Santana, BA: UEFS Editora, 2011, p. 387-409.

SIMONTON, Apêndice II. Os meios necessários e próprios para plantar o reino de Jesus Cristo no Brasil. Lido perante o Presbitério do Rio de Janeiro no dia 15 de julho de 1867. In: _____. *Diário: 1852-1867*. Tradução de D. R. de Moraes Barros. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1982.

SIMONTON, Ashbel Green. Mission in Brazil, 1862. *The Foreign Missionary*, New York, May, 1863.

_____. Romanism and the Gospel in Brazil. *The Foreign Missionary*, New York, March, 1864.

[Recebido em: julho de 2014
Aceito em: setembro de 2014]